

APONTAMENTOS SOBRE A OCUPAÇÃO GUARANI NO LITORAL SUL DE SANTA CATARINA: O CASO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO BAIXO RIO D'UNA 1

*Raul Viana Novasco¹
Alessandro De Bona Mello²
Jedson Francisco Cerezer³
Valdir Luiz Schwengber⁴
Lindomar Mafioletti Júnior⁵
Thiago Vieira Torquato⁶
Josiel dos Santos⁷*

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados das pesquisas desenvolvidas sobre o sítio arqueológico Baixo Rio D'Una, localizado no município de Imbituba, litoral sul de Santa Catarina. O referido sítio é composto de uma malha de terra preta associada a cerâmica da Tradição Tupiguarani e, por meio de datação por C¹⁴, foi situado cronologicamente no século XI da Era Cristã, suscitando discussões a respeito da antiguidade da ocupação Guarani sobre o litoral sul-catarinense.

Palavras-chave: Arqueologia Pré-colonial, Cerâmica Tupiguarani, Litoral de Santa Catarina.

ABSTRACT

This article presents the results of research carried out on the Baixo Rio D'Una archeological site, located in Imbituba, southern coast of Santa Catarina. This site is composed of an area of darkened sediment associated with Tupiguarani ceramics and, through dating by C¹⁴, it was located chronologically in the 11th century of the Christian Era, raising discussions about the antiquity of the Guarani occupation on the southern coast of Santa Catarina.

Keywords: Precolonial archeology; Tupiguarani ceramics; Coast of Santa Catarina.

1. Introdução

Por décadas, os estudos arqueológicos que se ocupam do povoamento Guarani no litoral catarinense mantiveram-se em segundo plano, dado o grande interesse devotado pelos pesquisadores aos monumentais sítios arqueológicos Sambaquis, que ocorrem em grande número na região. Até os anos de 1990, no sul do estado de Santa Catarina os estudos arqueológicos foram realizados por meio projetos de pesquisa pontuais e com problemas de pesquisa bem delimitados, geralmente voltados à composição,

¹ Doutor em História, Espaço Arqueologia. E-mail: raulnovasco@gmail.com

² Especialista em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Espaço Arqueologia. E-mail: alessandrodebona@hotmail.com

³ Doutor em Quaternário, Materiais e Culturas, Espaço Arqueologia. E-mail: jfcpicci@gmail.com

⁴ Doutor em História, Espaço Arqueologia. E-mail: valdirluiz@gmail.com

⁵ Especialista em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Espaço Arqueologia. E-mail: juniormafioletti@gmail.com

⁶ Especialista em Arqueologia, Espaço Arqueologia. E-mail: thiagotorquato@yahoo.com.br

⁷ Mestre em Antropologia, Espaço Arqueologia. E-mail: josiel.espaco@gmail.com

variabilidade e funcionalidade dos sambaquis locais. Como resultado, a respeito dos sítios associados à tradição Tupiguarani, se verificam na bibliografia do século XX apenas informes e breves notas a respeito da identificação de alguns sítios e achados fortuitos (Rohr, 1969; Eble, Schmitz, 1972).

Na década de 2000 e início do século XXI, no contexto da publicação da Portaria IPHAN nº 230/2002, houve um exponencial aumento no número de pesquisas arqueológicas na região devido às demandas apresentadas pelo licenciamento arqueológico de empreendimentos diversos. Nesse cenário, sítios arqueológicos filiados à tradição Tupiguarani foram escavados e proveram dados relevantes, suscitando problemáticas importantes para a compreensão do processo de ocupação Guarani na planície litorânea do sul de Santa Catarina (Lavina; Caldarelli, 1999; Lavina, 2000; De Masi, 2005; Farias, DeBlasis, 2009; Milheira, 2010; Schwengber et al., 2012, 2013, 2017).

Nesse mesmo contexto, insere-se o estudo executado sobre o sítio arqueológico Baixo Rio D'Una 1, que é objeto desse artigo.

O referido sítio foi identificado em uma área de exploração mineral, localizada no município de Imbituba, litoral sul de Santa Catarina. O sítio está situado nas coordenadas UTM 22J 725013 E/ 6879712 N e sua implantação se dá no topo de um depósito laguna-barreira pleistocênico, formado a partir de deposições praias e eólicas.

Estes depósitos são compostos por Neossolos Quartzarênicos, considerados solos pouco férteis que impossibilitam o estabelecimento espontâneo de formações vegetais de grande porte, como as Florestas Ombrófilas Densas. Por isso, originalmente, o local onde está localizado o sítio era recoberto por formações pioneiras (Jundu) constituídas por indivíduos lenhosos que geralmente não atingem porte muito elevado, sendo numerosos os elementos das famílias das mirtáceas, lauráceas, euforbiáceas, melastomatáceas, leguminosas etc.; além de espinhentas bromeliáceas e cactáceas (Romariz, 1996).

As áreas que compreendem à planície sedimentar da paleolaguna do Mirim, situadas a oeste da área do sítio, são recobertas por solos da ordem dos Gleissolos, que apresentam maior concentração de material orgânico, favorecendo o desenvolvimento de formações vegetais florestadas, como a Floresta Ombrófila Densa de terras baixas. Além disso, são áreas úmidas, as quais são reconhecidas como locais de grande biodiversidade e boa fonte de obtenção de recursos (Gibbs, 2000; Mitsch; Gosselink, 2000).

Tal configuração ambiental se desenvolveu na região no decorrer dos últimos 1.000 anos, quando o nível médio do mar, que no Século X se encontrava cerca de 1 metro acima do nível atual, passa a diminuir constantemente até atingir o nível atual por volta de 500 anos A. P. (Suguio, 2010). Ao longo desse período se verifica, além da estabilização de ambientes pioneiros e dos sistemas fluviais, lacustres e costeiros da região, o processo de construção de um território Guarani que, no decorrer dos séculos seguintes, nos termos propostos por Cerezer (2017), viria a ser colonizado por essa população até a chegada dos primeiros contingentes europeus, nos séculos XVI e XVII.

A relação entre a estabilização ambiental e a consolidação de um território Guarani parece evidente e, partindo desse pressuposto, neste artigo serão apresentadas evidências do início da ocupação Guarani no referido horizonte cronológico e, a partir delas, algumas problemáticas acerca do processo de ocupação empreendido por esse povo serão discutidas, no intuito de iniciar uma revisão do panorama cronológico e territorial até então propostos e suscitar novas perguntas para este contexto cultural e regional.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Como mencionado anteriormente, o presente artigo trata dos resultados obtidos nas escavações realizadas sobre o sítio arqueológico Baixo Rio D' Una 1, localizado no município de Imbituba, região do litoral sul de Santa Catarina. Ele se caracteriza por uma área de 640 m² em que se verifica a ocorrência de sedimento escurecido associado a fragmentos de cerâmica da Tradição Tupiguarani.

Dadas as dimensões do sítio e a evidente concentração dos materiais sobre sua área central, foram escavadas 9 (nove) unidades de 1 m² sobre a mancha de sedimento escuro, além de 5 (cinco) unidades exploratórias nas extremidades da área de dispersão de material cerâmico em superfície. Além das unidades de 1 m², foram escavadas sondagens radiais e trincheiras sobre a poligonal do sítio, as quais contribuíram para a delimitação da estrutura do piso de ocupação, composto pela associação de sedimento escurecido e artefatos cerâmicos e líticos.



Figura 1. Área de escavação central do sítio Baixo Rio D'Una 1 (A); Trincheira exploratória (B); Distribuição do material arqueológico no segundo nível de escavação (C); Associação de fragmentos de cerâmica com sedimento escurecido (D).

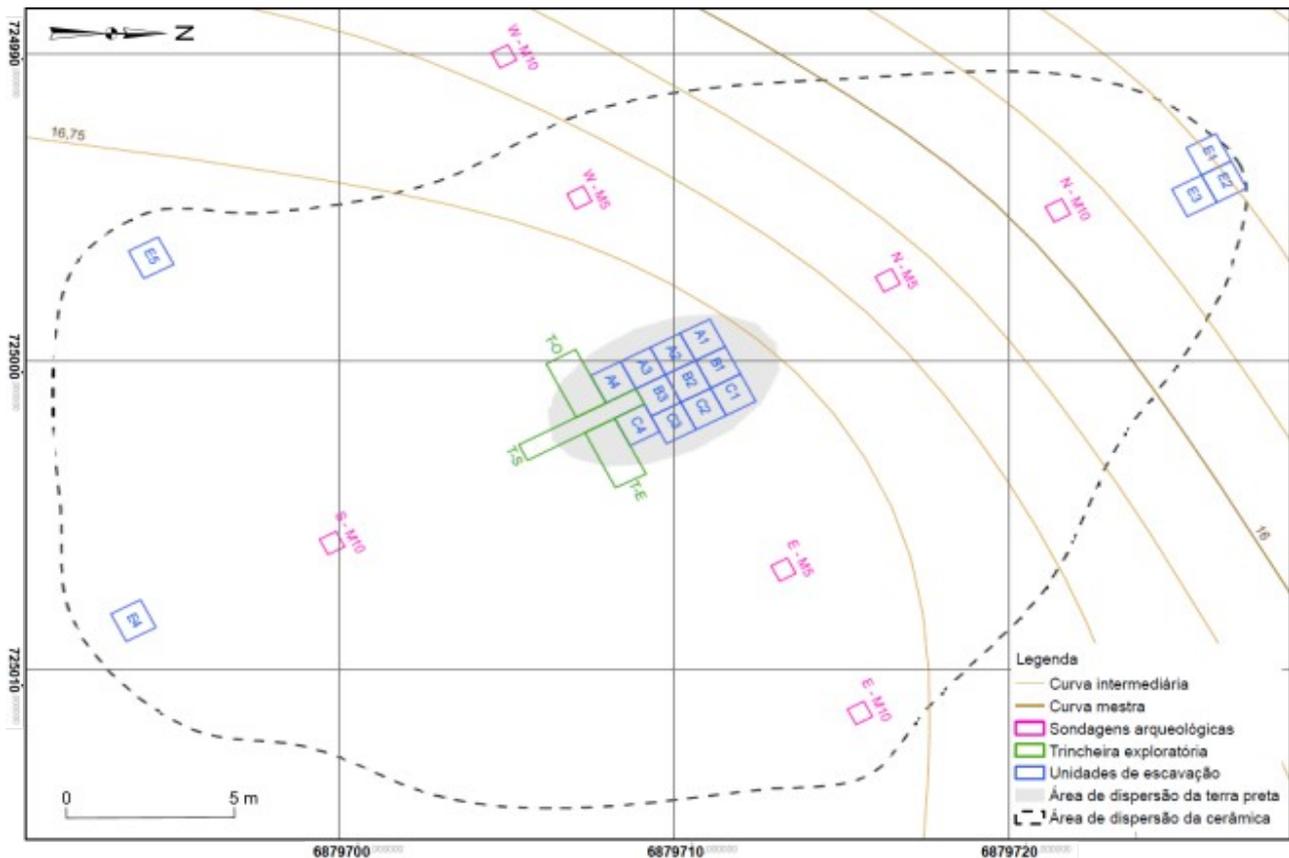


Figura 2. Croqui de escavação do sítio arqueológico Baixo Rio D'Una 1

Por meio das intervenções arqueológicas realizadas sobre o sítio, que incluem a recolha de superfície e escavação das unidades/sondagens/trincheiras, foram obtidos 1229 fragmentos de cerâmica e 65 materiais líticos. Além dos artefatos, uma amostra de carvão, advinda de um contexto de combustão evidenciado no nível 2 da unidade B3, foi obtida e datada.

As análises dos materiais provenientes das escavações tiveram como pauta teórica e metodológica diferentes autores, consoante a tipologia de materiais arqueológicos.

A metodologia de análise cerâmica foi desenvolvida e aplicada partindo da necessidade de identificar variações tecnológicas e morfológicas dos materiais cerâmicos. A mesma está pautada nos atributos que refletem escolhas realizadas nas diferentes etapas do processo produtivo cerâmico, os quais permitem interpretar padrões tecnológicos e opções técnicas sob a lógica da produção e utilização dos vasilhames.

Desse modo, para as análises e interpretações dos materiais cerâmicos são tidos como referência os trabalhos de Shepard (1956), Chmyz et al. (1976), La Salvia e Brochado (1989) e Cerezer (2011). Entre os atributos registrados nas análises constam o segmento, pasta/tempero, técnica de manufatura, espessura e tamanho do fragmento, tratamento de superfície/decoração, queima, estado de conservação e morfologia/diâmetro de borda.

Para os materiais líticos, as análises e interpretações tiveram como aporte teórico e metodológico os trabalhos de Tixier et al. (1995), Hoeltz (2000), Mello (2005), Rodet et al. (2013) e Prous (1986-1990), tendo sido perseguida a análise tecno-tipológica e, quando possível, as fases de cadeias-operatórias com base em atributos para estabelecer a forma básica, matéria-prima, origem da matéria-prima, tipologia e medidas, conforme a Tabela 1, abaixo.

Tabela 1. Códigos de análise lítica.

Forma básica	Matéria-prima	Origem da matéria-prima	Tipo de lasca	Medidas
Lasca unipolar	Quartzo	Bloco	Lasca cortical	Comprimento
Lasca bipolar	Arenito	Seixo	Lasca de preparação	Largura
Núcleo	Calcedônia	Geodo	Lasca de retoque	Espessura
Termófero	Diabásio	Sem informação	Lasca laminar	
Artefato unifacial	Calcário		Lâmina	
Artefato bifacial	Sem informação			
Artefato polido				
Detrito				

Em se tratando das amostras de carvão, essas foram coletadas de um único contexto e, desde sua recolha até sua triagem, foram devidamente tratadas a fim de evitar contaminações. O pré-tratamento das amostras (secagem e limpeza) foi realizado no laboratório da Espaço Arqueologia. Posteriormente, uma amostra foi acondicionada e enviada para o laboratório do Beta Analytic, onde passou pelo processo de datação por radiocarbono.

3. RESULTADOS

Depois de recolhidos, os materiais arqueológicos provenientes do sítio foram submetidos ao processo de curadoria e análise. As análises se desenvolveram a partir do referencial teórico indicado anteriormente e, os resultados obtidos serão apresentados a seguir.

Antes, contudo, cabe destacar que, a partir da amostra de carvão coletada, foi obtida uma datação de 910 +/- 30 A. P., calibrada com 2 sigmas em 920 a 740 A. P. (Beta-396226). A datação obtida recua o horizonte cronológico da ocupação Guarani até então considerado para a região em estudo e levanta alguns questionamentos que serão melhor discutidos adiante neste artigo.

3.1. O material lítico

Por meio das escavações realizadas foram recuperados 65 materiais líticos. Estes foram analisados a partir de cinco códigos de análise resultando em: lascas unipolares/bipolares (47 peças), termóferos (5), artefatos bifaciais (2), artefatos polidos (2) e detritos (9).

A matéria-prima de maior ocorrência é a calcedônia, com 50 peças. Com exceção da calcedônia, verifica-se a ocorrência de arenito (8), diabásio (1) e concreção (1), proveniente da face cortical de geodo.

A respeito da origem da matéria-prima explorada, entre as 65 peças do acervo, 39 não apresentaram elementos que permitem interpretação. Das 26 restantes, 13 são provenientes de blocos, 12 são provenientes de seixos e 1 é proveniente de geodo.

Sobre as lascas, materiais que compõe massivamente o acervo, verifica-se a existência de lascas corticais (7), lascas de preparação (23), lascas com retoque (16), lasca laminar (1) e lâminas (2).

A ocorrência de um percutor no sítio e um calibrador (artefatos polidos) indica que a atividade de lascamento e produção de artefatos fazia parte do dia-a-dia do grupo que ocupava a área. A presença dos termóferos em arenito demonstra, também, a predileção por esta matéria-prima para estruturas de combustão.

Em suma, a análise do material lítico proveniente do sítio Baixo Rio D' Una 1 forneceu informações relevantes para subsidiar as interpretações a respeito da territorialidade Guarani no litoral sul de Santa Catarina. Neste sítio, a indústria do lascamento é desenvolvida quase que exclusivamente sobre calcedônia, matéria-prima não disponível nas imediações do sítio. As lascas corticais em calcedônia indicam que esta matéria-prima era obtida a partir de seixos, o que nos leva a crer que este material está sendo obtido entre as cabeceiras e médio curso dos principais rios das bacias do rio Tubarão, Capivari e D' Una.

Uma análise espacial de distância nos permite verificar que, entre a área do sítio e os compartimentos ambientais onde seria possível a obtenção desta matéria-prima (contato entre encosta e planalto), há uma distância de, pelo menos, 30 quilômetros na orientação norte, e 80 quilômetros na orientação oeste (figura 3).

Infelizmente, para a região do estudo não existem levantamentos geológicos em escala compatível com a problemática aqui levantada, o que dificulta a elaboração de materiais cartográficos que indiquem possíveis locais de obtenção deste recurso. O que é possível afirmar, no entanto, é que incursões às áreas de encosta e/ou planalto eram necessárias para a obtenção desta matéria-prima, seja a partir de afloramentos, geodos ou seixos.

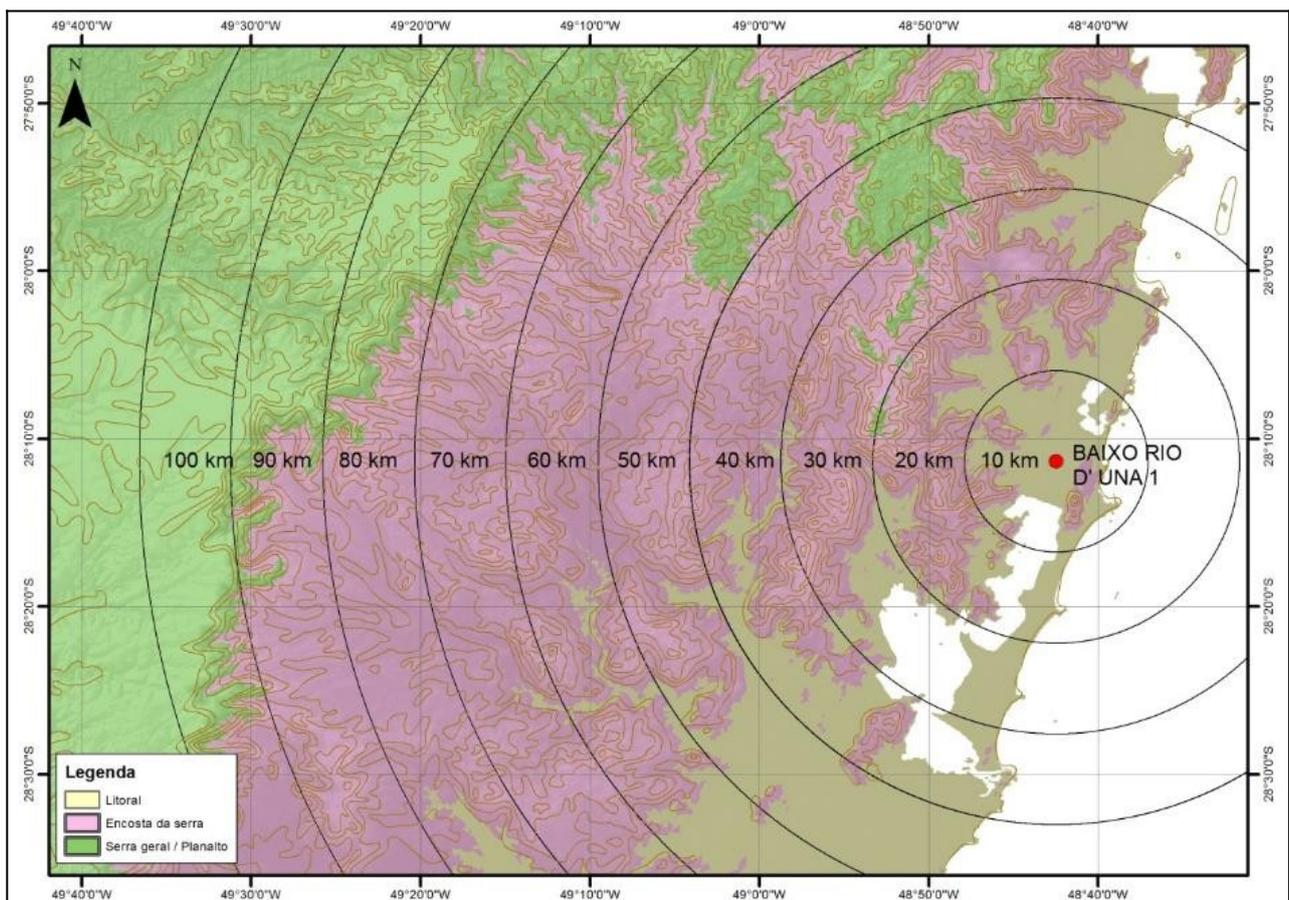


Figura 3. Análise espacial através de círculos concêntricos indicando as distâncias entre o sítio arqueológico e os diferentes compartimentos geomorfológicos.

Ao passo que os materiais líticos apontam resultados para um domínio territorial guarani sobre a região do litoral sul catarinense, dos dados provenientes das análises

cerâmicas esperam-se resultados sobre a dinâmica comportamental com base em aspectos tecnológicos e morfológicos, como será apresentado a seguir.

3.2. A cerâmica

O conjunto de fragmentos cerâmicos foi analisado sob os preceitos metodológicos propostos a fim de compreender o processo produtivo, o grau de representação dos diferentes segmentos que compõe uma vasilha e, na medida do possível, as diferentes morfologias.

Diferentes segmentos foram identificados nas análises dos fragmentos, contudo a maior representatividade está na categoria bojo, também entendida como parede, somando 80% da amostra; em segundo valor de representação estão as bordas com 17%, seguidas de fundos com 2% e as carenas ou intersecções com 1%. Esses valores são normais pelo fato de uma vasilha ser composta, maioritariamente por paredes inferiores e superiores, delimitação posta pelo bojo, tendo maior diâmetro nas bordas que nos fundos, e haver menor quantidade de peças com carenas, nas morfologias guaranis.

Relacionar espessuras das paredes com tamanhos dos fragmentos traz um ativo para entender o nível de integridade do sítio arqueológico. O grau de fragmentação das peças que compõe o sítio pode ser considerado baixo se comparado à boa parte dos sítios Guarani que ocorrem na mesma região de estudo. Grande parte dos fragmentos apresentam tamanhos que variam entre 2,1 e 10 centímetros e o nível de conservação das peças é alto, indicando um impacto pós-deposicional moderado sobre o sítio.

Referente à espessura das paredes nota-se que a maior parte dos fragmentos está entre 10 a 15 milímetros, podendo chegar até 20 milímetros. Em percentuais, os resultados desta análise são: até 5mm 13%, até 10mm 56%; até 15mm 27%; até 20mm 4%. Estes dados indicam variações métricas das vasilhas, desde pequenas a grandes, havendo predomínio de vasilhas medianas, indiferente de sua funcionalidade.

Diferentes aspectos relacionados à composição da pasta podem ser abordados nas análises, tendo em vista que a composição é argila, água e elementos não plásticos, o tempero é o elemento referência para os resultados.

Partindo das análises macroscópicas se verifica um conjunto massivo de pasta composta sob um padrão em que os grãos de quartzo são a escolha preferencial, representando 94% da amostra. Em menor quantidade há outros, como: minerais, vegetais e animal – concha; interpretados, na sua maioria, como ocorrência natural nos depósitos de argila explorados.

Algumas variações são verificadas nas pastas quando se trata do tamanho dos grãos de tempero, no qual os percentuais são: 40% estão entre 1 e 3 milímetros; 33% até 1 mm; 18% entre 3 e 5 mm; 6% maior que 5 mm e 3% em que não se verificou adição de tempero.

Seguindo a lógica do processo produtivo, a manufatura das vasilhas cerâmicas, identificadas nos fragmentos, em especial nas linhas verticais das fraturas, demonstra que a opção tecnológica é exclusivamente a técnica de colombino, entendida também como a sobreposição de roletes. Há, no entanto, alguns fragmentos de fundo onde se verifica a base modelada, porém não é um elemento que altera a técnica predominante de colombino.

Tratamentos de superfície variados foram verificados no acervo. Cabe destacar que estão inclusos neste atributo também as decorações, embora se saiba que alguns tratamentos plásticos como o corrugado e o escovado sejam parte do processo produtivo (Cerezer, 2011), aqui é considerado o aspecto visual final empregue a superfície da

vasilha. Assim são considerados os tratamentos plásticos em um grupo de análise e os alisados, pintados e demais variações em outro grupo.

Como resultado sobre as análises dos tratamentos de superfície o conjunto de fragmentos apresenta cerca de 55% dos fragmentos com tratamento externo plástico, sendo os 45% restantes entre pintados e alisados.

Para as superfícies internas todos os fragmentos são alisados, o que é normal nas vasilhas utilitárias, havendo variações no tocante à intensidade do alisamento como o brunido e a decoração pintada ou o engobe. O alisamento na face interna equivale a um montante de 1.135 fragmentos, havendo 6 fragmentos com brunimento e 29 com pintura; estão excluídos aqui os com a face erodida.

Para a face externa há variações que são próprias da técnica empregue e/ou consequências da gestualidade. As variações gestuais provam com frequência, sobretudo nas peças corrugadas, diferentes sequências, podendo, por vezes, na mesma vasilha haver mais de um “tipo de corrugado” ou combinações entre técnicas. Deste modo, sempre é importante observar que o corrugado é uma técnica com suas variações gestuais muito mais que estilos diferentes.

Para esse estudo tentou-se perseguir as propostas classificatórias de La Salvia e Brochado (1989) resultando em um quadro amplo, apresentado aqui no formato de gráficos (Figura 4) com os diferentes tipos de tratamentos de superfície plásticos interpretados nas paredes externas dos fragmentos.

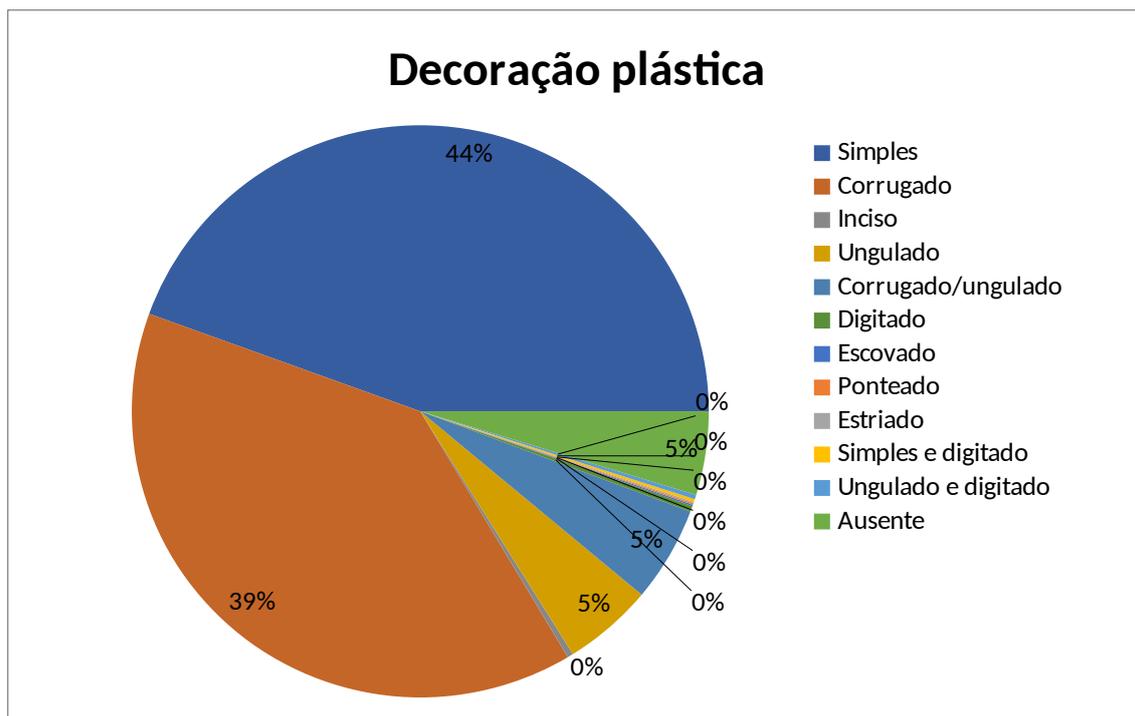


Figura 4. Percentual de fragmentos por tipo de tratamento de superfície do sítio Baixo Rio D'Una 1.

Para o conjunto de fragmentos onde se verificaram remanescentes de decoração pintada, montante não superior a 70 fragmentos, algumas variações foram notadas, seja na face externa ou na face interna. Deste modo, a figura 5 ilustra o percentual de tipos pelo valor de fragmentos com decoração pintada.

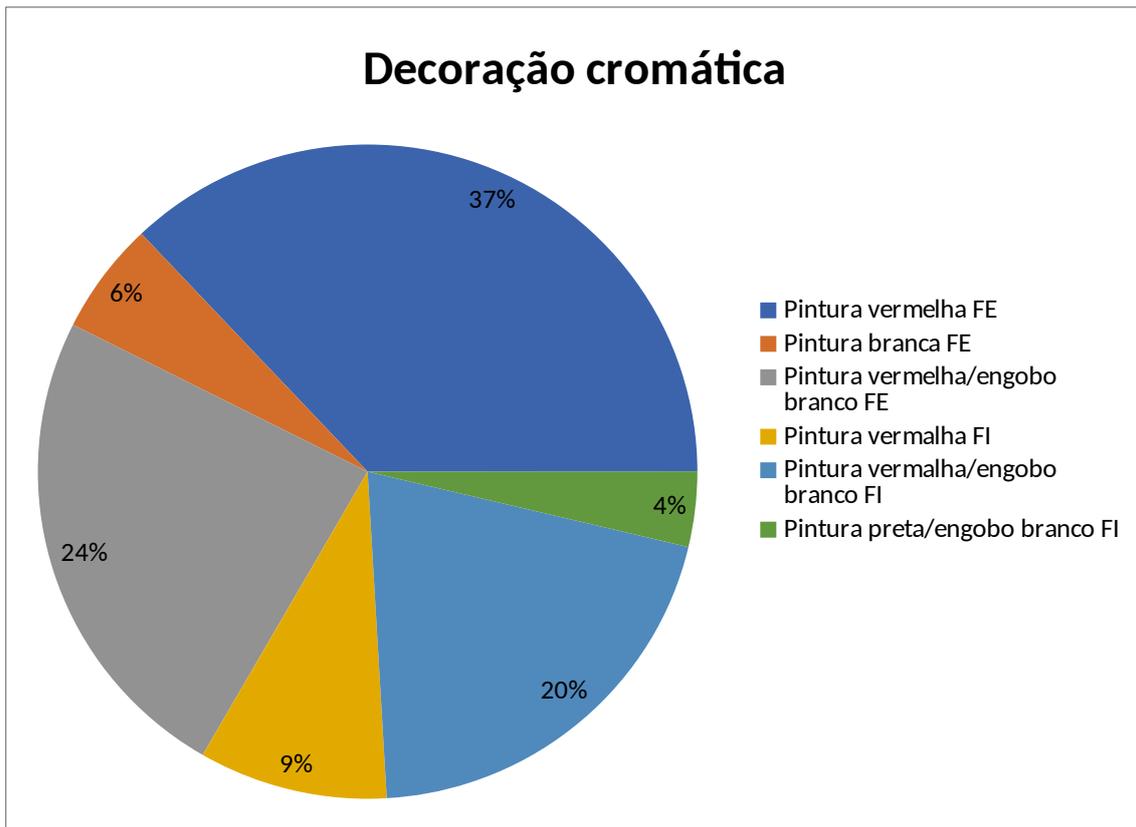


Figura 5. Percentual de tipos pelo número de fragmentos com decoração pintada FE – face externa; FI – face interna.

Os dados apresentados para os tratamentos de superfície trazem uma representação da média que se observa em coleções arqueológicas de sítios Guarani para a região. A predominância de peças com tratamento plástico corrugado encontra respaldo nos estudos de forma e função, apresentados e discutidos por Brochado e Monticelli (1994), Noelli e Brochado (1998), Soares (2005) e Cerezer (2011). Nos estudos referentes ao tema há uma justificativa de que as peças corrugadas tendem a ser usadas como panela e, por serem manipuladas com maior frequência e irem ao fogo, tendem a sofrer danos, exigindo reposições, diferentemente das talhas e copos, que duram por mais tempo.

Finalizando o processo produtivo há a **queima**, os dados observados nas análises trazem variações próprias de peças que tiveram a queima em estruturas tipo fogo aberto, onde as variações de atmosfera provocam colorações diversas nas paredes das peças. Para esse estudo, embora haja percentuais com maior tendência à queima oxidante, se afirma serem peças com queima heterogênea com predomínio oxidante.

Nos casos onde há o núcleo redutor, percentual significativo da coleção, os estudos de arqueologia experimental já demonstraram que se trata de peças queimadas em ambiente redutor com um rápido arrefecimento em ambiente oxidante. Os efeitos que este arrefecimento abrupto causa são comuns em estruturas de fogo aberto, onde há o baixo controle nas fases finais da queima.

Por último, são apresentados os resultados referentes às características das bordas, onde são observados os atributos correspondentes a morfologia, lábio e diâmetro.

A morfologia da borda é definida levando em consideração a continuidade do perfil vertical em relação à base da peça, sendo classificadas em direta, extrovertida, introvertida e cambada. Ainda dentro da análise morfológica das bordas, também é verificada a ocorrência de reforço interno ou externo. Neste sítio há um total de 208 bordas, das quais, grande parte apresenta borda direta, com lábio arredondado.

Em se tratando do diâmetro da boca das bordas, lido também como Diâmetro de abertura (Da), verificou-se que a maior parte das bordas apresentam diâmetros que variam entre 15, 20, 25 e 30 centímetros, como pode ser visto na figura 6.

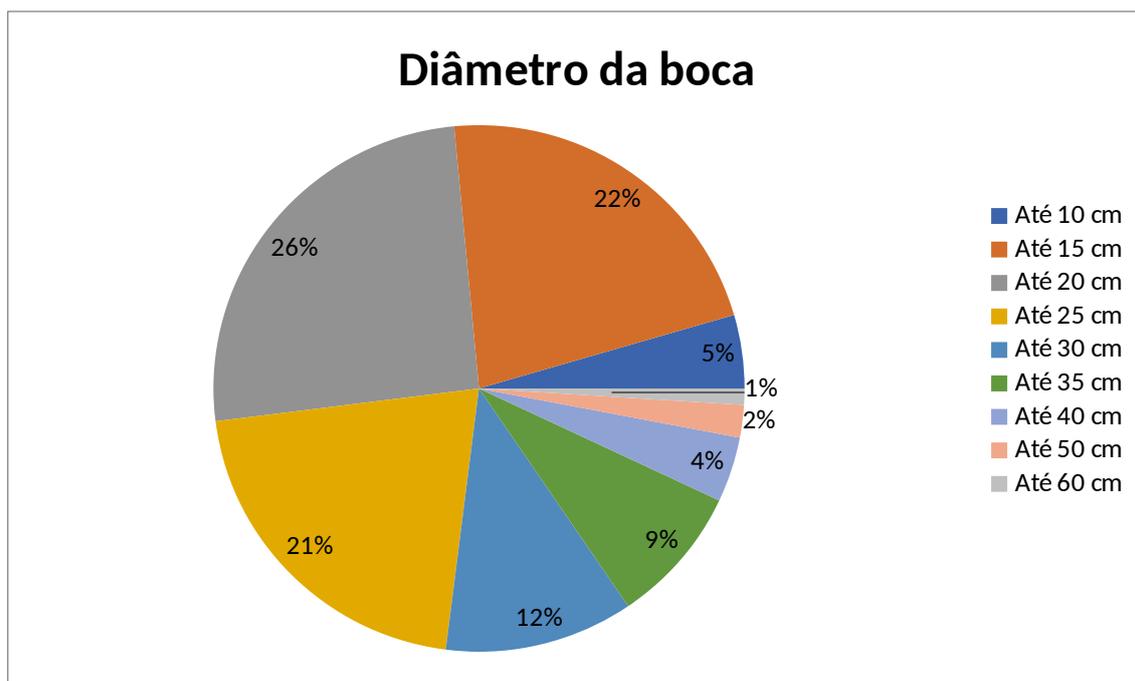


Figura 6. Percentual de representatividade dos tamanhos de diâmetro de abertura pelo total de bordas.

Como pode ser visto na figura acima, ocorre uma grande variedade de diâmetros de boca, bem como tipos de bordas, indicando a existência de um mobiliário doméstico completo, composto por panelas, tigelas, pratos e caçarolas. Acredita-se, portanto, que a presença de um mobiliário doméstico tão diversificado indica que nesta estrutura se tratava de uma área de habitação, onde uma ocupação permanente foi empreendida.

4. DISCUSSÃO

O conhecimento de que se dispõe atualmente a respeito da ocupação pré-colonial empreendida pelos Guarani no sul do Brasil, é produto do cruzamento de dados etnográficos, históricos e arqueológicos. Ainda hoje, quando se buscam informações a respeito do sistema de organização social e cultural desse grupo, lembra-se e recorre-se ao modelo etnoarqueológico proposto para a região do delta do Rio Jacuí (Rio Grande do Sul), por Francisco Noelli em sua dissertação de mestrado intitulada “*Sem Tekohá não há Tekó*”, defendida no ano de 1993.

Noelli (1993) desenvolveu seu trabalho a partir da análise de uma enorme gama de documentos, que incluem tanto crônicas etnográficas do século XVI, quanto relatórios de pesquisa arqueológica do ano de 1992. Segundo o autor, o objetivo geral da dissertação é o de elaborar uma síntese de elementos comuns aos Guarani *arqueológicos* e *históricos*, tais como a espacialidade das estruturas dos assentamentos, as áreas de

captação de recursos, os equipamentos e estratégias de subsistência, os alimentos e a língua. Da arqueologia o autor extraiu dados referentes à forma das estruturas, à dispersão das mesmas no assentamento e à localização dos utensílios associados às estruturas habitacionais e anexas. Da etnografia e da linguística extraiu dados referentes ao uso, modo de construção e forma das estruturas que compõem os assentamentos.

Em seu trabalho, Noelli (1993) faz a caracterização das estruturas partindo da definição das tão conhecidas "manchas pretas", as quais, associadas à cerâmica, exercem papel de fóssil guia dos sítios Guarani. Segundo o autor as manchas pretas são o registro do que um dia foi uma estrutura, ou de habitação (onde residiam as famílias), ou anexas (onde se realizavam atividades domésticas). As estruturas de habitação concentram a maior quantidade de cerâmica e nunca são encontradas isoladas, uma vez que a "aldeia" era sempre formada pelo agrupamento de algumas famílias que habitavam, cada qual, uma grande casa.

Contudo, apesar de tentadora, a aplicação do modelo etnoarqueológico proposto por Noelli, é perigosa, principalmente quando o intuito é o de explicar o processo de ocupação Guarani na região sul de Santa Catarina.

Assim como Noelli, recentemente, Rafael Milheira (2010) propôs em sua tese de doutorado um modelo de ocupação e aproveitamento territorial Guarani. Para tal, o autor revisita sítios arqueológicos mapeados por Rohr (1969), realiza novos mapeamentos na região sul de Santa Catarina e se utiliza de dados de escavações realizadas em 10 sítios superficiais.

A área piloto pesquisada por Milheira compreende a faixa litorânea que tem como limite norte a barra do Camacho, e como limite sul a barra do rio Urussanga, litoral sul de Santa Catarina. Nesse recorte territorial Milheira reúne informações sobre 41 sítios Guarani e, a partir da análise intra e inter sítios, o autor elabora seu modelo de ocupação, buscando abordar a história de longa duração Guarani numa perspectiva regional, articulando as informações geradas a partir das escavações arqueológicas e informações etnohistóricas e etnográficas.

A partir dos dados disponíveis na literatura arqueológica e cruzando-os com os dados obtidos em sua pesquisa, Milheira propõe que os Guarani tenham ocupado essa região em um momento de possível "abandono" desse território. De acordo com o autor, na região do litoral sul não havia uma ocupação efetiva, uma vez que os grupos sambaquieiros já haviam se diluído por volta de 1500 anos A. P. e os grupos Jê apenas desciam ao litoral para eventuais rituais funerários. Portanto, ao chegarem nessa região, por volta de 600 anos A. P. os Guarani não encontraram as dificuldades que lhes eram impostas em outras regiões. Isso explicaria, conforme o autor, a ocorrência de um adensamento de sítios arqueológicos Guarani em um território tão amplo em tão pouco tempo, num processo que não parece ter ultrapassado a faixa temporal de 150 anos para se desenvolver (Milheira, 2010).

Consideramos que o momento inicial da chegada dos grupos Guarani na região não tenha se dado por um processo de adensamento populacional, mas sim, por uma intenção de ocupação daquele território coordenada e estrategicamente pelas lideranças. Ou seja, a chegada massiva e "repentina" dos Guarani não foi resultado de um adensamento populacional gradual e lento que caracteriza o "*enxameamento*", mas sim, um processo de ocupação rápido coordenada a partir de alguma região interiorana ou mesmo de outras localidades do litoral. Tratar-se-ia, sob este ponto de vista, de uma leva expansionista provinda de algum local já ocupado densamente, como, por exemplo, a região interiorana do Estado de Santa Catarina, ou mesmo, o litoral norte do mesmo Estado. Este processo de ocupação territorial estaria vinculado então ao costume Guarani de ocupar novas áreas para o desenvolvimento da vida

tradicional, o que envolve novas áreas de plantio, controle de novos recursos e etc. (Milheira, 2010, p. 139).

Acreditamos na validade do modelo proposto por Milheira que, em alguns aspectos, se assemelha a modelos anteriores propostos por outros pesquisadores e, em outros aspectos, diverge dos mesmos (Brochado, 1984; Noelli, 1993; Lavina, 2000; Schmitz, 2005). Ao contrário dos autores citados acima, que acreditam em um adensamento gradual da ocupação Guarani, Milheira propõe uma "invasão" massiva e coordenada, que visava garantir a dominação desse território.

Se considerarmos a data obtida através do resgate do sítio Baixo Rio D' Una I (910 A. P.) e datas informadas por Maurício (2008) para o vale dos rios Tubarão (650 A. P.), por De Masi (2005) para o Alto Capivari (505 A. P.), e por Milheira (2010) para o vale do Jaguaruna (550 A. P.) e Urussanga (570 A. P.), o que se verifica é a ocorrência de um processo que dura em torno de 400 anos e não mais 150, conforme proposto por Milheira. Além disso, ao contrário do que propõe Milheira (2010), as datas indicam que o processo de migração Guarani para a planície costeira de Santa Catarina se deu a partir do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul, e não do litoral norte de Santa Catarina. Isso, pelo fato de que poucos são os sítios identificados no litoral centro-norte catarinense, enquanto que, abaixo do Mampituba, verifica-se uma densa ocupação desse grupo.

Ao contrário do que ocorre no litoral sul e litoral central de Santa Catarina, no litoral norte a ocupação Guarani aparenta não ter tido tanta expressão quanto os grupos sambaquieiros ou mesmo Jês, uma vez que reduzidos são os sítios associados a ocupação pré-colonial empreendida por esta população. Bandeira (2004), escavou um dos únicos sítios arqueológicos Guarani mapeados no litoral norte de Santa Catarina, denominado Poço-grande, para o qual obteve a data de 340+-35 A. P. (termoluminescência). Se associarmos esta data às datas obtidas no litoral sul por Milheira (2010), De Masi (2006) Maurício (2008) e Mello (2006), é possível supor que o processo de migração dos Guarani para o litoral norte não tenha sido efetivado devido à chegada dos europeus na costa catarinense. Portanto, considerando uma migração de sul para norte, supõem-se que quando os Guarani estariam iniciando uma disputa (bélica ou não) com os Jê pelo território do litoral norte, houve o contato com o europeu, fazendo com que tal processo fosse interrompido.

Por fim, gostaríamos de levantar alguns problemas agora levantados a partir dos dados obtidos através do resgate do sítio Baixo Rio D' Una 1.

Conforme já mencionamos anteriormente, a indústria lítica identificada neste sítio é praticamente toda desenvolvida sobre seixos de calcedônia e, talvez, sobre geodos. Mesmo que os dados geológicos regionais não nos forneçam dados muito precisos a respeito dos locais de ocorrência desta matéria-prima, é de conhecimento geral a existência de seixos de minerais diversos na maior parte da extensão dos principais rios desta região, cujas nascentes estão situadas na borda leste da Serra Geral. Portanto, estes materiais poderiam ser obtidos através de incursões pelo interior dos vales destes principais rios, incursões estas que impõem a necessidade de percorrer distâncias superiores da 30 quilômetros.

Além da distância, deve ser considerado o fato de que, neste período, a encosta sul catarinense era, ao que tudo indica, densamente ocupada por grupos caçadores-coletores portadores da Tradição Umbu (Farias, 2005; Claudino, 2011). Dessa forma, nos perguntamos: o "território amplo" desses grupos Guarani se sobrepunha ao território desses grupos caçadores-coletores que, atualmente, vem sendo associados aos antepassados dos Xokleng etnograficamente conhecidos?

Da mesma forma, se os Guarani já ocupam o litoral sul de Santa Catarina há 900 anos atrás, como estes estão se relacionando com os grupos que produziam cerâmica Taquara-Itararé e sepultavam seus entes em cemitérios litorâneos, tais como o sítio Galheta IV, localizado em Laguna/SC?

Ao que tudo indica neste período tem início a disputa por este território entre os Guarani e os Jê Meridionais e, ao contrário do que propõe Milheira (2010), para ter pleno domínio da planície litorânea sul catarinense os Guarani percorrem uma trajetória histórica longa, que nos leva a supor uma lenta dominação do território. Como isso se deu?! Acreditamos que somente a partir do desenvolvimento de novas e numerosas pesquisas será possível se aproximar de uma resposta plausível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, D. R. 2004. *Ceramistas pré-coloniais da baía da Babitonga, SC – arqueologia e etnicidade*. Universidade de Campinas (Tese de doutoramento).
- BROCHADO, J. P. 1984. *An ecological model to the spread of pottery and agriculture into Eastern South América*. Universidade de Illinois at Urbana-Champaign (Tese de doutoramento).
- BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. 1994. Regras práticas na reconstituição gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-Americanos*, 2:107-118.
- CEREZER, J. F. 2011. *Cerâmica Guarani: Manual de Experimentação Arqueológica*. Habilis, Erechim/RS.
- CEREZER, J. F. 2017. *Tecnologia e simbolismo na expansão Guarani no Sul do Brasil*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal (Tese de doutoramento).
- CHMYZ, I. (editor) 1976. Terminologia Arqueológica para a Cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, 1(1): 119-148.
- CLAUDINO, D. C. 2011. *Arqueologia na encosta catarinense: em busca dos vestígios materiais Xokleng*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Dissertação de mestrado).
- DE MASI, M. A. N. 2005. *Projeto de salvamento arqueológico da PCH Rio Capivari*. Florianópolis: UNISUL. Relatório final de pesquisa.
- EBLE, A.; SCHIMITZ, S. 1972. Sítio cerâmico sobre dunas (SC-LL-70). *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, 5:24-56.
- FARIAS, D. S. E. 2005. *Distribuição e padrão de assentamento: propostas para os sítios da Tradição Umbu na encosta de Santa Catarina*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Tese de doutoramento).
- FARIAS, D. S. E.; DEBLASIS, P. 2009. *Arqueologia da Rodovia SC-487: Barra do Camacho – Jaguaruna*. Tubarão: UNISUL. Relatório final de pesquisa.
- GIBBS, J. P. 2000. Wetland Loss and Biodiversity Conservation. *Conservation Biology*, 14:314-317.
- HOELTZ, S. 2000. Análise das indústrias líticas. In: MONTICELLI, G. (Org.). *Pesquisas arqueológicas do Gasoduto Uruguaiana-Porto Alegre: Fase I, trechos 1 e 3*. Porto Alegre: PUCRS, Relatório final de pesquisa.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. 1989. *Cerâmica Guarani*. 2ªed. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.
- LAVINA, R. 2000. *Relatório final do Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraías (Trecho Morro dos Conventos – Lagoa dos Esteves)*. Criciúma: UNESCO.
- LAVINA, R.; CALDARELLI, S. B. 1999. *Relatório final do Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba*. Criciúma: UNESCO.

- MAURÍCIO, D. F. 2008. *As vasilhas cerâmicas do sítio arqueológico SC-MA-01 do município de Laguna - SC*. Universidade do Sul de Santa Catarina (Trabalho de conclusão de curso)
- MELLO, A. B. 2006. *Estudo da variabilidade intra-sítio a partir da análise cerâmica do sítio Guarani SC-AR-01*. Universidade do Sul de Santa Catarina (Trabalho de conclusão de curso).
- MELLO, P. C. 2005. *Análise de sistemas de produção e da variabilidade tecnofuncional de instrumentos retocados*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Tese de doutoramento).
- MILHEIRA, R. G. 2010. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Tese de doutoramento).
- MITSCH, W. J.; GOSSELINK, J. G. 2000. The value of wetlands: importance of scale and landscape setting. *Ecological Economics*, 35(200):25-33.
- NOELLI, F. S. 1993. *Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicada a uma área de domínio no delta do Jacuí - RS*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Dissertação de mestrado).
- NOELLI, F. S.; BROCHADO, J. P. 1998. O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 8:117-128.
- PROUS, A.; LIMA, M. 1986-1990. Tecnologia de debitagem do Quartzo no Centro de Minas Gerais: Lascamento Bipolar. *Arquivos do museu de História Natural*. Belo Horizonte, 11:1-89.
- RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; SANTOS JUNIOR, V. 2013. Cadeia operatória e análise tecnológica: uma abordagem metodológica possível mesmo para coleções líticas fora do contexto (exemplo das pontas de projétil do Nordeste do Brasil). *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, Series Especiales*, 1(2):264-278.
- ROHR, J. A. 1969. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. *Pesquisas, Antropologia* 22:1-41.
- ROMARIZ, D. A. 1996. *Aspectos da vegetação do Brasil*. São Paulo: Ed. do autor.
- SCHMITZ, P. I. 2005. O povoamento indígena do sul do Brasil. In: FARIAS, D. S. E. *Maracajá: Pré-história e arqueologia*. Tubarão: Editora Unisul.
- SCHWENGBER, V. L. et al. 2012. *Programa de resgate arqueológico em área de mineração na localidade de Olho D'Água, município de Jaguaruna - SC*. Tubarão: Espaço Arqueologia, Relatório final de pesquisa.
- SCHWENGBER, V. L. et al. 2013. *Programa de resgate arqueológico em área de mineração na localidade de Jaboticabeira, município de Jaguaruna - SC*. Tubarão: Espaço Arqueologia, Relatório final de pesquisa.
- SCHWENGBER, V. L. et al. 2017. *Programa de resgate arqueológico nas áreas de extração de areia – Localidade de Jaboticabeira e Morro Bonito, município de Jaguaruna - SC*. Tubarão: Espaço Arqueologia, Relatório final de pesquisa.
- SHEPARD, A. O. 1956. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington: Carnegie Intitution of Washington.
- SOARES, A. L. R. 2005. *Contribuição à Arqueologia Guarani: estudo do Sítio Röpke*. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Tese de doutoramento).
- SUGUIO, K. 2010. *Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais*. Oficina de ed. São Paulo.
- TIXIER, J.; INIZAN, M. L.; BALLINGER, M. R.; ROCHE, H. 1995. *Technologie de la pierre taillée suivi par un vocabulaire multilingue (allemand, anglais, arabe, espagnol, français, grec, italien, portugais)*. Meudon: C.R.E.P.